



Duas amigas seguiram
caminhos diferentes.
E, então, o destino as
aproximou de uma forma
que elas jamais imaginaram.

POR MICHAEL GEISTERFER

A foto de Anna



EM 23 DE janeiro de 2001 eu estava lendo o *National Post* quando deparei com um artigo intitulado: “41 coisas para se fazer no inverno”. A sugestão número 12 era: localize no mapa a cidade natal de sua mãe. Em seguida, localize a de sua avó. A título de ilustração havia um mapa de outro país, com nomes estranhos e quase impronunciáveis. Bem no centro do mapa estava uma cidade chamada Leeuwarden.

Senti um frio na espinha. Aquela era a cidade onde minha mãe nasceu, no norte da Holanda. E sua mãe também. Minha outra avó nascera a poucos quilômetros de distância, em Groningen – muito longe para caber no minúsculo mapa do jornal. Era uma coincidência incrível, mas nada comparável à forma como as vidas de minhas duas avós se entrelaçaram no tempo e na eternidade.

MUITO ANTES de minha avó, Oma Jantje, tornar-se mãe, sua melhor amiga, Anna Drexhage, deu-lhe uma foto tirada na varanda de casa. Ela sorria enigmaticamente para o fotógrafo, cuja sombra podia ser vista em primeiro plano. No verso ela escreveu: “Anna, 1925”.

– Por que você está me dando este retrato? – perguntou Oma Jantje.

– Porque estou me mudando para longe – respondeu Anna. – Pode ser que você nunca mais me veja.

Poucas semanas depois, Anna to-

mou o trem para Amsterdã, e de lá embarcou num vapor para a Batávia, nas Índias Orientais Holandesas, que mais tarde passou a ser chamada Indonésia. Ela disse à minha avó que escreveria e que voltaria se tudo não corresse bem. Mas minha avó jamais ouviu falar dela novamente.

Oma Jantje pegou o retrato de Anna, colou-o em seu álbum de fotografias e, em 1952, pôs o álbum numa caixa que foi levada quando, com a família, tomou um trem para Amsterdã, onde embarcou num vapor para o Canadá. Algumas semanas depois outro trem os conduziu pelo interior do Canadá para a cidade de Edmonton, nas Montanhas Rochosas de Alberta. Lá, minha avó retirou o álbum da caixa e o colocou numa estante – onde ficou até 1983, quando meu pai o pegou e começou a folheá-lo.

Foi quando minha avó soube, finalmente, o que havia acontecido com sua amiga Anna.

A HISTÓRIA é a seguinte: Anna havia tomado o vapor para a Batávia a fim de se casar com um homem que ela nunca vira. Um viúvo holandês expatriado que tinha visto seu retrato sobre a lareira da casa de um amigo. Encantado com sua beleza, ele escreveu uma carta em que propunha a ela um encontro transcontinental. Os termos eram bastante simples: ele pagaria sua passagem até a Batávia, caso ela ao menos considerasse a possibilidade de se casar com ele. Se, no fim, ela não o quisesse, ele pagaria sua passagem de volta.

“Por que está me dando este retrato?”, perguntou Oma Jantje. “Porque vou para longe. Pode ser que você nunca mais me veja.”

Quando Anna desembarcou em Semarang, foi recebida por um homem alto e forte, de trinta e poucos anos, bigodes claros e óculos redondos que emolduravam olhos tão tristes, intensos e azuis que ela logo soube que se casaria com ele. Anna era assim: uma mulher prática, com um coração extraordinariamente grande. Algum tempo depois, ela concordou em ser sua mulher.

Viúvo rico, Johannes fazia parte da elite holandesa que governava o arquipélago da Indonésia havia quase 300 anos. Ele era proprietário de inúmeros negócios bem-sucedidos na cidade de Malang, Ilha de Java, e vivia numa enorme fazenda com criados, jardineiros e cozinheiros. Ele era um homem próspero e respeitado, mas não foram estas qualidades que conquistaram Anna.

O que atraiu Anna foi o ar de tristeza de Johannes. Apesar da aparência exterior de sucesso, ele escondia um terrível segredo. Fora abandonado no nascimento e criado em um orfana-

to de Amsterdã. Até conhecer Anna, ele nunca soube do amor que uma mãe é capaz de dedicar a um filho.

Se Anna sentia saudades da Holanda, nunca demonstrou. Ela se dedicou a criar uma família para ela e Johannes, e montou uma casa tão limpa e bem-organizada quanto qualquer uma das que ladeavam as



Oma Jantje, ainda solteira, aos 19 anos na Holanda.

estreitas ruas de pedra do norte da Holanda, onde ela havia crescido. Tiveram seis filhos – uma menina e cinco meninos. Todos louros e de olhos azuis como os pais.

EM 1942, O JAPÃO invadiu as Índias Orientais Holandesas e derrubou o governo colonial holandês. Por todo o país surgiram cartazes mostrando dois olhos azuis enormes: os olhos do inimigo. Todos aqueles de descendência europeia foram capturados e mandados para campos de concentração. Em poucos dias, Anna e Johannes passaram de senhores de suas terras em Malang a prisioneiros num centro de detenção superlotado. Em seguida, as famílias foram separadas: homens num campo, mulheres em outro. Na confusão, Johannes desapareceu e Anna nunca mais ouviu falar dele.

Anna foi enviada para um campo maior na costa, perto de Semarang. A filha e os dois filhos mais novos foram com ela. Os outros três garotos foram mandados para um campo masculino a cinco quilômetros de distância. Com frequência, Anna achava que aquilo era um sonho e que ela acordaria em sua antiga cama na Holanda. Isso nunca aconteceu.

Anna Drexhage morreu de fome naquele campo de concentração de Semarang, em agosto de 1945, dias antes das tropas aliadas libertarem os campos. Ela achava que sua ração diária de arroz e água seria mais útil

alimentando os corpos de seus jovens filhos, e não o seu.

Todos os seus filhos sobreviveram, embora, um deles, por pouco. Seu nome era Aren, um menino franzino, macilento, que havia cortejado a morte desde cedo. Tinha ataques de asma tão freqüentes que todos achavam que ele estaria entre os primeiros a morrer nos campos. No entanto, ele sobreviveu. Quando os filhos de Anna foram deportados para o Ceilão, atual Sri Lanka, depois da guerra, Aren parecia um espantalho, somente pele e ossos. Do campo de refugiados no Ceilão, foram despachados de navio para a Holanda.

Ainda se recuperando de suas próprias desgraças, poucas pessoas na Holanda estavam dispostas a ouvir as agruras daqueles jovens órfãos da Indonésia. “Pelo menos vocês estavam num lugar quente”, diziam aos órfãos. “Em Amsterdã as pessoas estavam congelando nas ruas.”

Os filhos de Anna perceberam depressa que era melhor não falar de seus traumas. Em vez disso, dedicaram-se a aprender a viver naquela terra estranha.

Aren ganhava a vida como fotógrafo. Ele descobriu que, através do visor de sua câmera, podia olhar o mundo de forma mais segura, como se as lentes filtrassem o sofrimento.

EM 1952, cansado da Holanda, Aren pegou um trem para Amsterdã e, de lá, embarcou num vapor para a cidade canadense de Halifax. Ele teria voltado para a Indonésia, mas sabia

que as visões e sons familiares desencadeariam emoções dolorosas. De Halifax ele seguiu de trem para Edmonton, onde, sozinho e isolado, encontrou refúgio num bairro de imigrantes holandeses pobres. Ele começou a freqüentar os serviços religiosos de domingo.

Foi então que uma das matriarcas da igreja, uma mulher pequena e magra, reparou nele pela primeira vez. Ela não sabia quem ele era, sabia apenas que era fotógrafo. Com seis filhos se aproximando da idade de casar, ela ia precisar de seus serviços. “Por que não convida o rapaz para um café?”, sugeriu à filha mais velha. Mas a jovem não estava interessada naquele órfão retraído, cuja natureza acanhada afastava as pessoas.

Entretanto, Amélia, sua irmã mais nova, estava intrigada com Aren e fez o convite. Com o sorriso charmoso e o humor sagaz, ela era o antídoto perfeito para a solidão permanente de Aren, que logo se tornou presença constante no café da manhã de domingo.

Começaram a namorar e casaram-se em três anos. Um ano depois nasceu o primeiro de seus oito filhos. Eu fui o terceiro.

Nas muitas vezes que meu pai tomou café na escura sala da família de Amélia, nunca notou o álbum de fotografias na prateleira que ficava sobre a mesinha de chá. Nunca, até 1983, quando pegou o álbum e começou a folheá-lo. Foi quando deparou com o retrato desbotado da jovem na varanda.

- Ei! - exclamou ele. - Esta é minha mãe!

- Não é não - disse minha avó, rindo. - Esta é minha amiga Anna, que foi para a Indonésia em 1925. Eu nunca mais ouvi falar dela. Olhe. - Tirou a foto do álbum e mostrou o verso, onde ainda estava legível: “Anna, 1925.”

- Esta é minha mãe - insistiu ele -, Anna Drexhage.

Oma Jantje olhou estupefata para meu pai, incapaz de compreender aquele inacreditável capricho do destino. As lágrimas brotaram em seus olhos. Ela sempre quis descobrir o que havia acontecido com sua querida amiga, e agora sabia da terrível verdade. Sua tristeza foi atenuada pelo fato de que o órfão de Anna era agora seu genro, fato que só podia ser creditado aos misteriosos desígnios do destino.

AO PÉ DA LETRA

Uma manhã, minha irmã Julie não conseguia ligar o carro. Quando ele finalmente pegou, ela foi direto para a oficina. O mecânico telefonou mais tarde dizendo que o motor estava afogado.

- Faz sentido! - exclamou Julie. - Eu o lavei ontem.

JACLYN ARMOUR, Canadá

